



A arquitetura da ponte entre *self* e outro*

Vera Regina Jardim M. R. Fonseca**, São Paulo

Entre as várias áreas do conhecimento que se dedicam a estudar as origens do self, há um consenso de que não se pode falar de nascimento do 'self' sem falar de nascimento do 'outro', já que ambos estão intrinsecamente ligados. A partir da matriz diádica, o desenvolvimento do self ocorre simultaneamente com o encontro com o outro, sendo tal processo caracterizado, em um dos polos, por momentos de sintonia, espelhamento e imitação, que privilegiam a experiência de igualdade entre mãe e filho, alternando com momentos de ruptura, que revelam as diferenças entre os dois. Entre estes dois polos, há uma constante tentativa de recuperação do estado diádico de sintonia. Tal padrão propicia uma dialética ótima entre self e outro, de modo que nem se abdica da espontaneidade individual, nem há afastamento, criando-se um espaço virtual e plástico entre self e outro.

O caso clínico de uma criança com um transtorno autístico incipiente é usado para ilustrar as angústias primitivas que surgem durante a definição do self frente ao outro, as manobras defensivas por elas determinadas e o papel da análise na criação de uma ponte possível capaz de, ao mesmo tempo, unir e separar self e outro.

Descritores: Autismo. Representação de self. Angústia de aniquilamento.

* Trabalho enviado para o Prêmio de Crianças e Adolescentes. Apresentado no XII Simpósio de Psicanálise do Núcleo de Infância e Adolescência da SPPA – 13 a 15 de maio de 2010.

** Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.



Fusão ou não-fusão?

As origens do *self* têm sido uma área de estudos bastante concorrida nos últimos anos, sendo sempre enfatizado o fato de que é impossível falar de nascimento do ‘*self*’ sem falar do nascimento do ‘outro’.

Acreditou-se, por algum tempo, na existência de uma fase inicial de fusão e indiscriminação *self*-outro, o que é ilustrado pela concepção de Margaret Mahler (1958) de fases de autismo e simbiose normais. Apesar de tal concepção ter sido revista à luz das pesquisas em desenvolvimento, sempre nos deparamos na clínica ou na observação de bebês com situações fusionais, sejam aparentemente primárias, sejam secundárias/defensivas.

Considerando as afirmações de Klein (1946) sobre a existência de um ego discriminado desde o nascimento, assim como os dados das pesquisas sobre discriminação precoce *self*-outro, como podemos conceber os estados de fusão? Para responder tal pergunta precisaremos fazer um passeio em áreas diversas do conhecimento até chegarmos à concepção psicanalítica da construção do *self* e da alteridade, quando estaremos prontos para verificar na clínica como tais fenômenos podem se manifestar.

Sendo o *Homo Sapiens* uma espécie que baseou sua sobrevivência e sucesso reprodutivo na organização social, o desenvolvimento parece ter como meta prioritária encontrar soluções de relação entre *self* e outro. Tomasello (2008) enfatiza as capacidades de colaboração, altruísmo e empatia como unicamente humanas; entretanto, como bons herdeiros de Klein, não poderíamos negligenciar o fato de que o outro também é, em primeira instância, um competidor e predador em potencial. Mas qual é o estatuto deste outro [humano] antes de poder ser chamado de perseguidor (posição esquizoparanóide) ou colaborador (posição depressiva)?

O *self* dos cognitivistas

De acordo com Neisser (1993), estudioso do desenvolvimento dentro da perspectiva cognitivista, a noção de *self* abrange cinco formas diferentes de autoconhecimento: o *self* ecológico (que se define pela percepção de si mesmo como um agente ativo no ambiente físico e social) e o interpessoal (a percepção das interações com outras pessoas), ambos perceptuais, sociais e bastante precoces. As formas mais tardias de conhecimento de si seriam o *self* conceitual, que se organiza em fins do primeiro ano¹, o *self* lembrado, aquele que é sujeito de uma



narrativa (evidente a partir do terceiro ano) e, por último, o *self* privado. Os três últimos se caracterizam pelo fato de que o *self* é tomado como objeto da reflexão e sua existência é o resultado de um processo de construção. Consideremos agora o que outra estudiosa das origens do *self* escreve:

Características de nossa espécie implicam fatores que tanto contribuem para a discriminação e para a confusão entre *self* e outro. A diferenciação deve-se ao fato de que *self* e outro ocupam diferentes corpos e assim certas perspectivas do *self* diferem daquelas do outro. A confusão é criada pela permeabilidade da regulação fisiológica entre o bebê e a mãe (Pipp, 1993, p. 186).

E mais adiante:

[...] a arquitetura do corpo resulta em mapas corporais diversos para *self* e outro...os mapas visuais do *self* e do outro também diferem...o conhecimento dos traços faciais da mãe e do pai é adquirido antes *que* o da própria face da criança...e o surgimento da capacidade de representar possibilita a criança a transcender a arquitetura do corpo (p. 191).

Ou seja, o fenômeno da “fusão” – e estamos falando de fusão perceptual e psicológica – entre *self* e outro não é uma observação exclusiva da psicanálise. Mesmo os pesquisadores que deixaram claro que não há confusão inicial entre o bebê e sua mãe admitem que há, ao mesmo tempo, uma tendência à fusão-confusão entre as duas instâncias. É interessante notar que tal texto foi escrito antes da descoberta dos neurônios-espelho.

O sistema espelho: o outro dentro dos meus circuitos

Passemos agora a uma descoberta muito comentada nos últimos quinze anos: o sistema dos neurônios-espelho, que representa uma abertura para a inscrição do outro em nosso “programa inato”. Tais neurônios são ativados tanto quando o indivíduo realiza uma ação como ao ver ou escutar outro indivíduo realizando tal ação.

¹ Sobre o *self* conceitual, Neisser escreve: “A capacidade de pensar explicitamente sobre si próprio provavelmente começa com a constatação de que outra pessoa está fazendo isto, ou seja, de que ele é objeto de atenção de outra pessoa” (1993, p. 5).



Desde que estes neurônios foram descritos em macacos (Rizzolatti et al., 1998), sendo depois sua existência em humanos explorada por vários trabalhos (Rizzolatti et al., 2001), muito se tem discutido a respeito do significado de tal sistema para o desenvolvimento em particular e para a espécie humana em geral. Exageros e simplificações excessivas à parte, trata-se de um achado de inegável importância. É espantoso constatar que a experiência do outro à nossa frente é neurofisiologicamente registrada da mesma forma que a nossa própria. Ou seja, em certos níveis (motor e auditivamente, por exemplo) outro e *self* podem se confundir, oferecendo uma base perceptual para a experiência de fusão.

Por outro lado, a imitação é uma das experiências mais amplamente estudadas na relação do bebê com sua mãe. Em um artigo bastante interessante, intitulado *The diverging force of imitation: integrating cognitive science and hermeneutics*, Keestra afirma: “Ao investigar as relações entre imitação e história, a imitação não é vista como apenas uma habilidade repetitiva e conservadora, mas como propiciando tanto continuidade como transformação, tanto sedimentação quanto inovação” (2008, p. 2). Mais adiante ele continua: “[...] os neurônios-espelho mostram atividade tanto na produção quanto na observação de ações ou em estados de imaginação, fomentando a idéia de que a imitação é facilitada por uma atividade neuronal similar em ambos os lados do espaço intersubjetivo” (Keestra, 2008, p. 2).

Keestra salienta que a alta prevalência de comportamentos imitativos nas interações pode levar a um extenso repertório compartilhado, mas também traz em seu bojo a percepção das divergências. Através do fluxo de igualdade temperado com diferenças que podem ser aceitas e continuar fluindo, ambos os membros da díade saem transformados da experiência.

Assim sendo, parece haver uma tendência à dialética fusão-separação (repetição-inovação) em tudo que é humano. Isto pode ser visto com clareza, por exemplo, na fantasia de retaliação [eu ataco, portanto serei atacado] e na identificação projetiva [sinto-me impotente, transfiro para o outro tal impotência].

Nunca é demais lembrar que o desenvolvimento corresponde a um desdobramento de potencialidades que têm que ser negociadas pela experiência, levando a novas formas de apreensão e administração da realidade. O fato de se nascer com um sistema espelho pronto para registrar o outro – seja como si mesmo seja como outro – não significa que o resultado final será o de duas entidades discriminadas. Tudo dependerá de como tais potencialidades foram atualizadas pelas experiências, que se transformam em estruturas e vias neuronais com maior ou menor plasticidade (isto é, mais ou menos sujeitas à alteração).



Psicologia cultural: o meu outro e o outro dos outros

Embora de uma perspectiva diferente, a psicologia cultural também aborda este esquema ao estudar o impacto das práticas e etnoteorias parentais (ou seja, das crenças de cada grupo cultural a respeito de cuidados parentais) no desenvolvimento do *self*. Keller (2007), em seu magnífico livro, *Cultures of infancy*, discorre sobre como culturas diversas geram sentidos de *self* diferentes. Nas culturas tradicionais rurais, caracterizadas pela proximidade física constante e menos contato face à face, a noção de *self* se define por sua relação com o grupo e pela obediência à hierarquia, entre outras características, sendo designado por *self* interdependente. Nas sociedades chamadas ocidentais e urbanas, o *self* é definido por sua autonomia, competitividade e assertividade. Ou seja, a noção de *self* depende do contexto cultural em que está inserido, e isto se reflete, por exemplo, no resultado mais tardio do teste de reconhecimento no espelho [Teste do rouge; Amsterdam, 1972] em crianças de culturas tradicionais.²

Tais considerações apontam para o fato de que as pontes que unem e separam *self* e outro são construídas de modo diverso em cada cultura e levam a lugares diferentes, no entanto a existência da ponte como arena de negociação da dualidade é característica de nossa história como animais sociais.

A relação face à face: o outro à minha frente

Passemos agora para a perspectiva do intersubjetivismo. Como resultado de pesquisas sobre a interação diádica face à face, autores como Tronick (1989), Beebe e colaboradores (1997), Biringen e colaboradores (1997) e outros usam um modelo de relações precoces que se caracteriza por uma série de micro-rupturas no fluxo de sintonia e sincronia entre a mãe e o bebê. Biringen e colaboradores afirmam:

A harmonia diádica é melhor caracterizada por uma série de ‘microdissincronias’ e resoluções dinâmicas que por qualquer metáfora de harmonia ou sintonia. Tais perdas de sincronia e conflito podem ser

² Neste teste o examinador faz uma marca de rouge na face de uma criança sem que ela perceba; em seguida, ele observa a reação da mesma ao espelho. O reconhecimento da marca em seu rosto indica uma representação de si mesma como alguém distinto. Tal aquisição ocorre por volta dos dezoito meses nas culturas ocidentais e por volta dos dois anos nas tradicionais.



adaptativas para as díades, que assim adquirem estratégias para regulação, negociação e resolução (1997, p. 4-5).

Ou seja, há um fluxo relacional caracterizado por espelhamento, imitação e sintonia nos quais poderíamos dizer que a experiência mais prevalente seria de *self* igual ao outro. Aqui o conceito de contingência é de extrema importância. Segundo Watson (1985), o bebê humano nasce com um ‘rastreador de contingências’, privilegiando as experiências em que suas ações sejam seguidas por uma ação-resposta do ambiente humano. Por exemplo, a um sorriso do bebê, segue-se outro da mãe; um choro é seguido de uma ação materna. A contingência propicia ao bebê a experiência de ser eficaz em suas ações, de ser participante ativo na interação, as bases para uma noção de *self* agente.

Entretanto, o fluxo relacional sofre momentos de ruptura, nos quais o outro se mostra diferente do *self*. Entre estes dois estados, sintonia e ruptura, há movimentos constantes de busca de recuperação da sintonia que podemos descrever como *self* com outro em negociação.

A continuidade e aceitação das ‘dissincronias’ e das reparações imprimem um salto em qualidade na interação, uma característica de flexibilidade e abertura para o novo e para o humano, baseada na espontaneidade, já que nem mãe nem criança têm que sacrificar sua experiência mais genuína e assim a inerente imprevisibilidade do mundo humano é tolerada.

A descrição acima evoca a expressão de Winnicott (1965): a realidade em pequenas doses, significando a realidade da alteridade em doses pequenas, mas constantemente negociadas. Este é apenas um dos planos da relação diádica precoce e não pretendo esgotar o campo pulsional da fantasia inconsciente, das emoções e das identificações projetivas cruzadas que permeiam constantemente tais trocas diádicas. Pretendo voltar a este ponto adiante.

A relação corpo a corpo: o outro manipulado por mim

Em um filme do diretor sueco Allan Edwall (*O mundo encantado de Åke*), sobre a vida de um menino no início do século XX, há uma cena em que Åke e sua irmã estão ao lado da mãe, deitada em um divã. O sol do fim da tarde se infiltra pelas cortinas, desenhando listras de luz no pequeno grupo. Há algo de soporífero, relaxado e prazeroso no quadro. As crianças estão pintando o rosto da mãe, que sorri de olhos cerrados. Esta cena me veio à mente inúmeras vezes, estimulada por situações clínicas específicas. Algumas crianças, às voltas com a



questão de tolerar ou não o outro, pareciam precisar de uma relação direta com o corpo do analista na qual o encontro *self*-outro se daria no plano físico-sensorial. Uma menininha de cinco anos com um transtorno autístico importante, por exemplo, precisava brincar de pintar minhas unhas por horas a fio, o que, no início da tarde, tinha um efeito hipnótico em mim. Na época, compreendia este comportamento unicamente como uma tentativa de me manter fusionada a ela. Depois, com a repetição desta experiência com outros pacientes, passei a considerar que também havia uma tentativa de “domesticar” a alteridade de meu corpo, atenuando seu caráter de predador potencial, tentativa esta que poderia até se cristalizar no plano exclusivamente concreto, mas que também poderia se transformar, com a devida interpretação e ação, em uma arena dialógica. Como já salientaram Meltzer e colaboradores (1975), o corpo do analista possui um carisma especial nos transtornos autísticos. Assim, podemos dizer que também na área da sensorialidade o padrão já delineado na descrição de Biringer e colaboradores (1997) pode ser reconhecido: fusão (teu corpo é meu) – ruptura da fusão e da sensorialidade (teu corpo é de outro) – “amansamento” da necessidade de fusão (posso ter acesso a teu corpo).

Klein e Tustin: o que eu faço com o outro

Ao passarmos pela área da corporalidade, estamos em condições de retomar as teorias kleinianas e as idéias de Tustin que se seguiram àquelas.

Para Klein (1946), como é amplamente conhecido, a percepção da separação entre *self* (ou ego, já que Klein nunca fez uma distinção formal entre os dois conceitos) e objeto é uma premissa. Os estados de confusão se deveriam a defesas maciças baseadas na fantasia de se derramarem [ou se ejetarem, dependendo da experiência pulsional] dentro do outro [e nas formas menos intensas, de lançarem partes de si dentro do outro]. O outro é, simultaneamente, uma fonte de desejos e tormentos. O corpo do outro, seu limite físico, esconde um interior que contém a vida.

Notemos que a noção de espaço interno aqui é dada como fato desde o início. Mas também é um fato kleiniano a equivalência simbólica, o que faz com que o espaço externo (por exemplo, a sala de análise) seja equivalente ao espaço interno (o interior do objeto), permitindo assim sua avaliação e ação sobre ele. A relação é entre dois corpos [ou partes de corpos], mas a fantasia é que fará a ponte entre o físico e o mental, preenchendo com conteúdos mentais as experiências físicas. É a fantasia de invadir o interior da mãe [e de ter seu interior invadido]



que caracterizaria os primórdios da vida, início pautado pela lei da presa-predador, em que o outro seria percebido como predador [seio mau] e o seio bom seria equivalente ao *self* [o bom objeto interno que fundaria o narcisismo]. O objeto bom é discriminado, mas também infiltrado no ego, com ele se confundindo. Como diz Hinshelwood (1989), “[...]o objeto se torna identificado com uma parte do bebê e a relação com o objeto se torna relação consigo próprio ou com uma parte de si” (p. 351). É só no alvorecer da posição depressiva que o objeto total se discrimina claramente do *self*, propiciando vê-lo como um colaborador em potencial.

Por outro lado, mais frequentemente que Klein (1946), Tustin (1986) teve que se haver com outra ordem de fenômenos clínicos, os estados autísticos. O objeto não parecia ser nem parcial nem mental, parecia não haver fantasia e a criança se agarrava a “feixes de sensações”. A angústia não era de ser perseguido e atacado, mas algo melhor descrito como derreter-se, explodir, cair no abismo, desgarrar-se, ser arrancado. E assim foi postulado, em sua forma já revista (Tustin, 1991), que os precursores que levariam à percepção da separação e da relação com um objeto estariam comprometidos primária ou secundariamente nos estados autísticos, passando tal percepção a ser sistematicamente evitada. Em tais estados, a percepção da separação e a discriminação *self*-outro, que, na normalidade, tendo como pano de fundo o ritmo de confiança, ocorreriam (ainda que rudimentarmente) desde o nascimento, é vivida de modo traumático.

O equilíbrio entre a apreensão sensorial/tátil, proximal, do objeto (que permite a experiência de continuidade) e a apreensão distal e a transmodalidade (que propiciam a experiência de estar separado), portas para a simbolização, é rompido.

O resultado é uma experiência de bidimensionalidade, que se, por um lado, traz alívio à angústia de aniquilação por permitir a continuidade das sensações, por outro, impede o uso do objeto tridimensional continente.

Quando o *self* encontra o outro

As várias abordagens sobre as origens do *self* revelam um desenho geral semelhante: *self* [igual] e outro [diferente] interagem gerando um novo *estado*. Saliento o termo estado, pois ele contém em si a possibilidade de mudança. Assim, *self* e outro configurarão padrões diversos de combinação ao longo do desenvolvimento, mas o estado de abertura para que isto ocorra terá sido moldado nas primeiras relações.





Voltando às concepções psicanalíticas sobre o desenvolvimento, podemos hipotetizar que, na verdade, nem há estágio de fusão, nem de completa discriminação. Há predisposições biológicas e psicológicas para ambos os estados, que se atualizam de modo paralelo. Como cada uma destas modalidades vai interagir com a outra dependerá, como sempre, de fatores inatos, ambientais e de sua interação ponto a ponto. A experiência de fusão implica uma preponderância da sensorialidade, que dá um caráter de continuidade, atenuando a percepção da separação. Aqui, as angústias de perda referem-se a uma ansiedade de aniquilação [perda de uma parte de si mesmo].

A experiência de discriminação leva a uma relação com um objeto potencialmente persecutório, mas também com o objeto bom, que fortalece o senso de *self*. A ansiedade presente é de ataque e invasão. Cada um destes modos implica uma relação diferente entre *self* e objeto, *self* e outro, assim como diferentes condições de aceitação da alteridade. No primeiro caso, a relação com o outro pode implicar o aniquilamento do *self*, já que a dialética '*self* com outro' não se estabelece: "[...] *self* e outro estariam em conflito existencial: ou existe o *self*, ou existe o outro" (Fonseca; Bussab, 2006). No segundo caso, o outro quer atacar o *self*, que dele se defende, atacando. A modalidade de relação competitiva se estabelece – o outro como predador. Será só depois, na posição depressiva, que o outro poderá ser visto como colaborador. A maneira pela qual o modo sensorial de se relacionar será transformado na posição esquizoparanoide é um passo crucial para cada desenvolvimento. Mas há necessidade de experiências sensoriais que privilegiam a continuidade para que a posição esquizoparanoide se estabilize. No exemplo que dei, referente ao filme *O mundo encantado de Åke*, o exercício corporal de domínio e exploração do outro propicia uma renúncia à sensorialidade defensiva.

A história de Márcio

Para avaliar as vicissitudes dos embates *self*-outro na vida real, nada melhor do que um exemplo clínico. Nele, poderemos ver os desdobramentos do interjogo entre defesas e aberturas frente ao encontro com o outro.

Há um ano e meio os pais de Márcio me procuraram, encaminhados pelo neuropediatra, com a queixa de que ele alternava períodos de agitação com um estado de progressiva retração; sua linguagem era quase incompreensível. Tal estado piorou após o período de dezoito meses em que a família morou no exterior, de onde haviam voltado há apenas alguns meses. Ele é gemelar (dizigótico) e os



pais relatam uma intensa dificuldade de adaptação da família aos primeiros tempos dos bebês em casa, pois não tinham ajuda de ninguém.

Nos vídeos, vemos um bebê intensamente envolvido com as experiências sensoriais: aos catorze meses, por exemplo, ao comer um pedaço de bolo, ficava tão absorvido na lenta fruição que nem o chamado dos pais ou dos avôs era capaz de eliciar seu olhar. Outro fato notável era o uso que Márcio fazia de sua língua: movia-a dentro da boca de forma tal que parecia preencher com seu volume e movimento toda a cavidade, como se fosse um expediente para apagar a percepção da falta. Este uso se manteve durante as sessões por muito tempo, principalmente nos momentos de desvitalização.

Em uma observação com toda a família, ficou claro como os pais ocupavam grande parte do espaço: falavam o tempo todo e em tom muito alto e suas estaturas avantajadas contrastavam com a pequenez dos gêmeos, que se isolavam num canto, absorvidos por uma atividade conjunta. Por outro lado, o relato deles era que o clima da casa se caracterizava pela confusão e provocação por parte das crianças.

Atualmente Márcio está com cinco anos e sua análise decorre com três sessões semanais. Apesar de progressos, sua fala ainda é bastante infantilizada, sua atividade lúdica tende a ser escassa e se recusa a desenhar além das garatujas.

Até há pouco tempo, o início da sessão era regularmente marcado por sua recusa em entrar na sala, tendo que fazê-lo ou carregado ou levando pacotes de salgadinhos ou balas, uma fusão de experiência oral/sensorial. Nos primeiros tempos havia também uma constante atividade de espalhar coisas pela sala, preenchendo-a com uma bagunça formada por seus brinquedos e pelo durex com o qual criava o que ele chamou de “teia”. Abria meus armários movido por uma “fome” insaciável. Tais comportamentos pareciam não apenas uma busca como também uma manobra para se misturar à minha sala ao mesmo tempo que se apossava de meus conteúdos.

5ª. Sessão: a falta e a adesão

Márcio entra na sala segurando um enorme trator. Logo encontra a fita adesiva e olhando sua ponta, que eu havia dobrado para facilitar o uso, diz: “– Não foi embora”. Passa então a puxá-la, colando-a em uma folha, na qual faz rabiscos com as duas mãos ao mesmo tempo. Cola uma bola de fita adesiva na minha cadeira. Toda esta atividade é rápida, confusa e desajeitada, como se ele sofregamente se espalhasse em minha superfície, aderindo-se a ela.



Percebo que entrar na minha sala é uma experiência “vulcânica” para Márcio. Em primeiro lugar, fica patente que, se nos encontramos, estivemos separados. Atravessar o umbral da porta traz, assim, o risco de um espaço abismal à sua frente. A travessia tem que ser feita com um objeto muito forte que o sustente (vide Tustin, 1986, a respeito de objetos autísticos). Logo expressa a angústia de ter perdido a ligação (a ponta do durex) e continua com uma tentativa de transformar minha superfície em sua (a bola de durex, os rabiscos que cobrem o papel), privilegiando o funcionamento bidimensional que facilita a ilusão de fusão. Entretanto, tal ilusão logo ameaça se desfazer e a angústia subjacente se manifesta: cair, escorregar das superfícies que não o sustentam (já que precisaria viver exclusivamente na sensorialidade para obliterar de vez a percepção da dualidade).

Depois fica passando um carrinho pela janela, fazendo com que ele escorregue, quando então me olha. Comento rapidamente sobre o perigo de cair. Em seguida ele começa a se enrolar na corda da persiana. Digo que ele quer se enrolar em minha cortina bem amarradinho para não cair e ponho o boneco bebê bem agarrado no colo da boneca mãe. Ele olha a cena com uma expressão de angústia, solta um gemido, fala algo de ir embora e se agarra ao trator.

Percebo que avancei o sinal e que ainda não posso falar de angústias terríveis para ele. Então digo que seu trator é muito grande e forte e ele também quer se sentir grande e forte como ele. Ele diz que não queria mais ver o bebê; então eu o coloco dentro de uma casinha. Lembro-me que a mãe contou-me de seu choro ao ver os vídeos de quando era bebê. Ele me pede um carro onde caiba o boneco Márcio. Nesta procura, abro o armário e ele pega um posto de gasolina, abastecendo várias vezes os seus carros. Depois acha um berço grande e lá põe toda a família, travesseiro e cobertores. Não quer ir embora nem quer que eu mexa em nada: “– Não pode! Eles estão dormindo!”.

Ele rejeita o bebê (que precisa da mãe e não está fundido a ela), para depois procurar um lugar que o abrigue, agora entrando na tridimensionalidade. Tal passagem abre caminho para a expressão mais clara da voracidade, abastecendo profusamente seus carros. Ao partir, esforça-se para preservar a fusão da família, sinalizando o risco de seu desmantelamento: se acordarem, se separam e seria o caos.

* * *

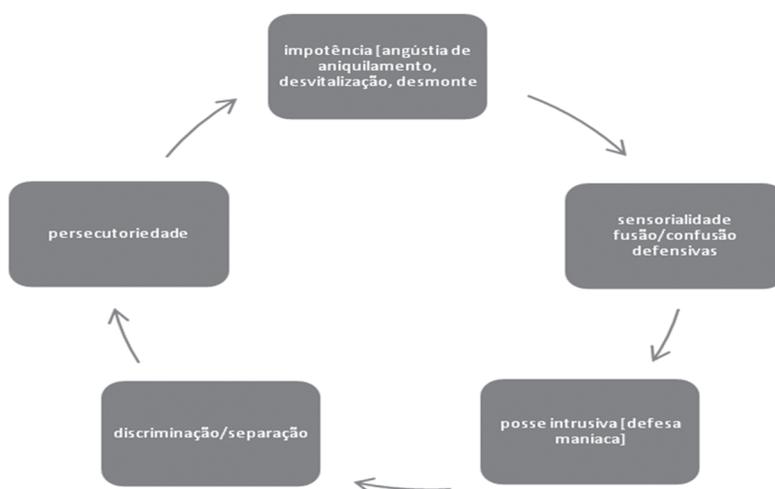
No período seguinte, Márcio alternava períodos de marcante desvitalização, nos quais se mostrava pálido, sem expressão e sonolento, com períodos maníacos,



que continham elementos tanto defensivos quanto pulsionais, nos quais lançava seus brinquedos (e até ele próprio) pela sala como se pudesse voar. Já não se limitava a espalhar-se por minhas superfícies, tentando agora ocupar meu interior com seus movimentos e objetos.

Ao ter uma experiência de sucesso e agencia, por exemplo, quando conseguia cortar um cordão, ficava nitidamente mais vivo. A perda da vitalidade revelava uma experiência de dismantelamento do *self* e volta ao funcionamento bidimensional.

Estabeleço a seguinte sequência circular como modelo hipotético:



A sensorialidade e busca de continuidade parecem propiciar a passagem da bidimensionalidade para a tridimensionalidade, levando à expressão da possessividade que está ligada à percepção da separação [se eu tomei para mim, está com meu *self* e deixo o outro sem nada], que por sua vez traz à tona elementos persecutórios (monstro, aranha, lobo lá fora) que incitam a volta à sensorialidade.

* * *

Na volta das primeiras férias, fizemos, a seu pedido, uma casinha com as poltronas. Lá dentro parecia viver um conflito: queria que eu entrasse, depois que eu saísse, porque eu era “muito grande”. *Vemos que sua relação com o outro é marcada pela aflição a respeito de como manter o espaço do self, que poderia ser obliterado pelo outro.*





Perguntei se era pequeno lá dentro, como era na barriga de mamãe, em que ele tinha que dividir o espaço com seu irmão. Ele riu e começou a fazer uma “ponte” com durex na sala toda. *Agora, está clara a fantasia de se derramar dentro de mim, apossando-se de meu espaço interno e expulsando os rivais; por outro lado, podemos considerar que também se trata de manobra para aliviar a angústia de estar solto no espaço [fora do continente]. Entretanto, a tridimensionalidade já está mais estabilizada.*

*Tais movimentos representam negociações com meu corpo/sala, o espaço que ocupo e o que ele ocupa, com a dualidade corporal e o que está dentro e fora do próprio corpo³. Em outras palavras, ele explora qual o lugar para seu *self* e para o outro e como se dará tal relação espacial e mental.*

Muitas vezes, no entanto, o espaço da sala, que poderia ser a área de negociação, é usado como área de ocupação imperialista. A teia, feita de “cocô e pum” [em suas palavras], que antes cobria minha superfície, agora invade e preenche minha sala. Seus conteúdos agora foram enfiados dentro de mim com o objetivo tríplice de se confundir comigo, me possuir e expulsar os rivais e também de me atacar, o que acaba trazendo ansiedades persecutórias.

A corporeidade do outro nesta época ainda é vivida como algo não transformável a não ser pelo controle absoluto (impede-me de entrar e de me aproximar das poltronas), único modo de neutralizar minha presença física.

Da antissimbolização à competição

No segundo ano, logo após a volta das férias de janeiro, vejo-me em certo momento preocupada com sua recusa em crescer, em falar como um menino de sua idade e em desenhar. Neste clima, estimulada por algo que ele me falou, faço um desenho de um super-herói. Ele quer amassá-lo, mas não deixo e digo que ele também pode fazer um desenho. Segurando em sua mão, ajudo-o a fazer um círculo [o que ele nunca faz]. Ele diz que não quer e que eu estraguei seu desenho (é notável sua hipersensibilidade frente à entrada do outro). Então apago o círculo e ele continua com os rabiscos retos. *Vejo que o desenho é como sua linguagem, uma recusa em seguir com o outro, no caminho da comunicação e simbolização. Trata-se de um movimento de antissimbolização, já que o espaço de simbolização e de separação é visto e vivido como abandono e frustração, gerando angústia de aniquilação.*

³ Penso que talvez veja o irmão como parte de si, mas fora de seu corpo.



Então ele pega dois lápis, um vermelho e um roxo, e começa uma briga entre eles; depois brinca por um tempo de fazer rabiscos paralelos com os dois. *Aqui vemos em rápida sucessão a aceitação e a diluição da dualidade: dois lápis iguais, mas de cores diferentes, que competem entre si (sendo a competição o corolário da discriminação) e depois se imitam. Entretanto, ambos os movimentos se mantêm embebidos de elementos sensoriais: a cor, os rabiscos sem forma, os movimentos sobre o papel.*

Digo-lhe que, assim como podemos brigar, podemos também desenhar juntos [mas ele queria que fosse paralelo!], fazer coisas junto e prestar atenção, ser parecidos, mas também diferentes. Como resposta, observando o céu, ele comenta: “– Meu irmão não tem medo de raio, eu tenho; ele tem medo do trovão” e continua a luta entre os lápis.

Início do terceiro semestre: o dilema claustrofóbico

Na sala de espera há uma disputa por um boneco com o irmão, que se joga no chão e chora. Márcio entra comigo, após ceder o brinquedo. Ainda se ouve o choro lá fora e a voz brava da mãe. Ele empalidece e escuta, quieto e distante de mim. Após alguns minutos resolvo dramatizar a cena deste momento com os brinquedos da caixa, colocando os bonecos que representam ele, a mãe, o irmão e eu. Ele acrescenta o papai e as comidinhas e eu faço o boneco irmão chorar. Ele volta a ficar subitamente pálido e desligado, o que é bastante aflitivo. Pergunto então se ele quer uma história. Ele nada diz, mas aponta os coelhos do papel de parede: “– Quer isto!” Lembro-me da história de um coelho que lhe contei há poucos dias e a repito. Quando chego a uma parte em que o coelho vai cair no lago, ele me diz olhando-me com gravidade: “– Eu apertei duas vezes o botão do elevador e fiquei preso!”

Lembro-me então do seu pânico na última sessão, quando a mãe não conseguira abrir a porta de saída e ele temera ficar preso no meu hall.

“– Você também ficou com muito medo de ficar preso aqui ontem”. Ele lança o bonequinho no ar e diz, com expressão triste: “– Não voa!” Digo que ele vai pela minha sala, sim! “– Mas não voa”, ele reafirma, o que traduzo por “sempre pode cair”.

Entendo então que Márcio vive o dilema de estar solto (sem conseguir voar e assim podendo cair) num continente muito amplo ou ficar preso em um continente apertado – no qual, conforme descreve Meltzer (1992) em Claustro, talvez tenha se introduzido à força. Aqui a defesa maníaca de voar se desfaz,



expondo o que Tustin (1986) chamou de “buraco negro” e Winnicott (1965), de depressão psicótica.

Está na hora de terminar e ele está mais vivaz, fala do irmão e de seus bonecos, agora parecendo às voltas com outro dilema: o de ter mais ou menos que ele. Mas há discriminação! O irmão ora é visto como continuidade de si próprio (à mercê da braveza assustadora da mãe), ora como rival.

Início do quinto semestre: a aurora da posição depressiva

Ao lado da tradicional recusa em entrar, quer mostrar a sala para o irmão e eu permito que o faça brevemente. Depois me pede uma “história do computador” [ele havia visto o notebook em minha mesa]; digo que só história falada. Ele se afasta, derruba com estrondo a tampa da mesinha, diz que quer fazer uma casinha e que quer história.

Conto “João e Maria”. Ele presta atenção, mas no fim está com a boca “cheia de língua”, que se projeta para fora ao mesmo tempo em que preenche a cavidade bucal. Digo-lhe que, como o João, ele também está com a boca vazia, como se perguntasse: “– Cadê a mamãe, cadê a comida? Mas aí ele enche a boca de língua e se sente muito poderoso” [já que neste momento estava tentado se jogar da mesa no divã].

Ouve-se o irmão lá fora; ele para imediatamente e presta atenção. Digo-lhe que eles são diferentes, um está dentro e o outro está fora. Ele procura então uma formiga morta que havia encontrado na última sessão. Diz, com expressão séria e brava, que não posso matar a formiga, que, se cuidar bem dela, ela não morde, que da barata também tem que se cuidar bem, porque ela se assusta. Digo que ele já se assustou um dia e sabe como é e que não quer que eu o assuste como se fosse uma bruxa. Neste momento ele ameaça jogar todo o lixo no chão, mas não deixo. Joga alguns brinquedos na mesa que está sem a tampa. Com sua espada faz uma luta com meus móveis, diz que eu sou um gigante e que ele vai me matar; eu tenho que ficar morta. E aí, enquanto estou morta, ele testa para pular da mesa (o que já lhe havia proibido por considerar perigoso). Levanto rapidamente e consigo impedi-lo, pegando-o no ar. Ambos rimos. Ele diz: “– Ah! Por que não pode? Eu sou macio!” Digo que ele é macio, mas tem partes duras e pode estragar as coisas ou se machucar. Com a espada ele continua a bater nos objetos da sala. “– E a sua espada é dura no que é meu!” digo. Na hora de guardarmos a caixa, percebo-o já desvitalizado e se enrolando na manta, parecendo se derramar no divã.



Vemos aqui uma alternância de posições: ele convida o irmão para entrar com o objetivo de, com sua presença familiar [fundida ao self], atenuar o encontro com minha alteridade. Vencida esta passagem crítica, se manifesta a possessividade: quer meu computador, minhas histórias [meus conteúdos] e meu espaço para fazer sua casa. Ao longo de meu relato, Márcio vai tomando contato com a falta [do mamilo na boca] e com a percepção da separação. Recorre a uma defesa sensorial, a língua como um tamponamento ilusório que vem acoplado a um movimento maníaco [voar pela sala é a antítese de cair]. Neste momento toma consciência da existência separada do irmão, e, portanto, fica enfatizada tanto nossa separação quanto nossa união atual (não fusional), da qual o irmão está excluído. Agora ele pode se identificar com a formiga e a barata, indefesas e pequenas. Trata-se de um movimento na posição depressiva, que abre caminho também para a posição esquizoparanoide [eu posso assustá-lo como uma bruxa, já que ele está separado de mim e não me controla]. Ataca-me então como se eu fosse um gigante inimigo, já em plena atividade simbólica. Há um momento de humor, negociação e disputa. Mas, ao nos aproximarmos da separação real, Márcio parece novamente ser presa de um estado de desmantelamento físico e mental, precisando se enrolar em algo macio, mas que não propicia forma a seu self mental/corporal.

Quando o self é carregado pelo outro

Para finalizar, trarei um fragmento de uma sessão duas semanas mais tarde. Márcio começa a mexer em meu telefone e simula conversar com alguém. Tento participar, mas ele diz que não pode conversar comigo, só com o irmão. Informa que seu telefone está sem pilhas e vai precisar das minhas. Faz então uma casinha para si usando uma poltrona, enquanto grita: “-Tudo desta sala é meu: isto, isto, até isto [o caderno] e seu óculos!” Pergunto: “- E o que v. vai fazer com meus óculos?” “Eu não enxergo direito!” Pede então um telhado para sua casa, que consiste na manta do divã que eu estendo sobre a poltrona.

Ao entrar, ele não apenas me despreza e exclui, como vai procurar seu outro self, o irmão. Mas a consciência da falta é mais clara e a possessividade agora se justifica, ou seja, ‘eu preciso porque me faltam olhos, pilhas...’ Agora tal falta, entretanto, não faz com que ele se desmantele mais, mas torna-o pronto para tomar de mim, simbolicamente e com firmeza construir uma casa na minha sala.



Diz que vai dormir, mas sai da casinha várias vezes. Digo que ele agora quer conversar sim! Ele ri. A manta-telhado cai várias vezes. De repente, olha para o papel de parede e fala com voz tristonha: “– Este é o mapa da minha casa [*reconhece agora o familiar na minha sala*]...é muito longe!” Querendo enfatizar esta percepção da separação do núcleo familiar indiscriminado, digo que é porque ele cresceu, vai fazer já cinco anos e sua casa de bebê está bem longe agora!

Responde: – Ah! Tem que cobrir [a casa] para eu poder mostrar a cabeça! Eu estava de pijama até agora! [*ou seja, eu estava engolfado na cama-casa de bebê e preciso de muita proteção para poder me conceber como um self discriminado e necessitado e me encontrar com o mundo real*].

Faz então uma casinha de blocos que consiste em uma fila destes e me mostra seu quarto [*outro nível simbólico expressando, entretanto, a ainda precária noção de um espaço interno*]; desenha o forno da casa em uma folha [onde serão preparadas suas comidas, tema sempre presente em seu material].

Quando digo que terminou, ele sobe no sofá e segura as grades que sustentam a estante, como que repetindo uma antiga provocação. Neste momento preciso, entretanto, vejo-o mais se agarrando a minhas paredes que me desafiando e digo que é muito ruim cair e que a gente tem que ter algo para se segurar bem firme... e o seguro enquanto o trago para baixo. Ele se abraça a mim, incitando também um abraço meu mais firme e carinhoso, até pôr os pés no chão, bem forte. Sai mansamente quase com solenidade. A partir deste dia nunca mais se recusou a entrar, fazendo-o espontaneamente.

Vemos como as condições internas de relação *self*-outro foram se modificando, até permitir que a própria capacidade simbólica sedimentasse tais conquistas. Ele pode construir uma casa para si em minha sala, pode exigir simbolicamente que tudo seja seu, pode regular entradas e saídas, expressando a possibilidade de decidir livremente quando se recolher e quando encontrar o mundo real externo, para finalmente passar para outro nível simbólico (a construção de uma casinha na qual não poderá entrar fisicamente, mas que terá um lugar definido para si e para produzir seu alimento).

Mas o mais surpreendente para mim é a revelação do quanto minha disposição foi desafiada nesta sessão. Para que todos estes movimentos sutis entre *self* e outro sejam realizados, é necessário um acompanhamento aberto, mas próximo, por parte do analista. Talvez seja mesmo muito difícil para os pais seguirem passo a passo estes desdobramentos a fim de facilitar a discriminação e impedir a confusão e, ao mesmo tempo, oferecer uma mão dura e macia (resistindo às provocações, mas podendo identificar as angústias). Talvez o ponto de virada



tenha sido meu segurar gentil e novo, que propiciou a Márcio o encontro com um objeto que sustenta, permite a ilusão, mas não acredita nela.

Considerações finais

“[...] this primal sense of ‘me-ness’ has to be well established before longstanding awareness of the ‘not-me’ can be tolerated” (Tustin, 1986, p. 550)

Entendo que a angústia de aniquilação, que se apoia na sensorialidade, não é necessariamente anterior à angústia persecutória; são modalidades diferentes que podem coexistir e correspondem a diferentes funcionamentos biológicos e psicológicos. Na primeira modalidade (que não corresponde nem à posição esquizoparanoide nem à posição depressiva) há sustentação fusional na sensorialidade e posse por “derramamento” e adesão, funcionamentos caracterizados pela bidimensionalidade; na segunda modalidade, na posição esquizoparanoide, há discriminação, competição, fantasia de entrar no objeto (o que implica noção da tridimensionalidade) e posse por roubo

A fantasia de intrusão maciça em meu interior faz com que Márcio perca os contornos de seu *self*, já frouxamente amarrado. Trata-se de uma invasão voraz e desesperada, movida não apenas pela pulsão (de atacar, comer), mas também pela angústia de aniquilação (cair, perder, desmontar-se), ambas combinadas entre si.

A casa de Márcio [tanto a externa e real quanto a interna] é o local da fusão/confusão. A minha casa é o local da discriminação. Sua recusa de entrar pode ser compreendida, em parte, pelo temor de perder a matriz doméstica – de confusão e sustentação na fusão – além de ter que se haver com a ansiedade persecutória gerada pelo ataque ao meu interior já discriminado.

A pulsão de posse é intensificada, fomentando o retrocesso e a fusão pela ansiedade persecutória que gera. A discriminação é seguida de muita provocação por parte de Márcio. A sensorialidade, por sua vez, se acavala com aqueles comportamentos e é colocada a serviço dos mesmos. Uma rede complexa e cambiante de ansiedade de aniquilação/sensorialidade/ ansiedade persecutória/ possessividade e defesas maníacas se tece e se realimenta continuamente. Há também um constante ataque à discriminação e à sua contrapartida, a atividade simbólica: desfaz os sentidos compartilhados no desenho e na linguagem. Na



letra que escreve e depois corta, na casa que desmonta para molhar os blocos, no sentido que dou para seu rabisco e que ele rejeita. Assim, o outro só pode ser vencido ou dominado possessivamente. Cada início de sessão é o encontro com este outro tantalizante. Aqui fica claro que a fusão/sensorialidade é uma defesa contra a percepção da alteridade e da falta – por exemplo, na boca cheia de língua. A desvitalização ocorre quando há perda da ilusão de fusão e a possessividade surge como uma reação à desvitalização. Aos poucos, entretanto, ele constrói uma casa para seu *self* dentro de meu espaço.

Hipotetizo que o início da vida de Márcio foi marcado por falhas na sustentação, com ruptura das transações graduais *self/outro*, como descritas por Biringen e colaboradores (1997), e por uma simultânea permissibilidade aos movimentos defensivos de indiscriminação/confusão/ fusão. Os pais talvez parecessem ora muito “outro” (quando bravos e impressionantes), ora muito abertos a funcionarem como extensão do *self* da criança. A estes fatores podemos acrescentar a tendência precoce a privilegiar as experiências sensoriais e a presença constante do irmão, oferecendo a Márcio um quase clone externo, rival e espelho ao mesmo tempo. Neste caso considero que a gemelaridade pode representar um risco para a capacidade de discriminação *self-outro*, levando ao reforço da ilusão de fusão.

O caminho para a construção da noção de *self* e outro se caracteriza, como já foi descrito na introdução, por transações entre experiências de igualdade e ruptura dentro da díade, que permitem negociações constantes entre estes dois polos, em um ritmo tal que a alteridade do mundo não é sentida como massacrante, mas instigadora, permitindo o encanto frente à surpresa e novidade. Sobre esta base, surge um sujeito discriminado, que tem uma história, emoções intensas frente ao outro, rivalidade, empatia e capacidade de cooperação.

Tais processos podem passar quase despercebidos na normalidade. Entretanto, em determinadas situações, angústias de aniquilação, persecutórias e depressivas se combinam de um modo tal que a aceitação da alteridade torna-se uma epopeia, e manobras defensivas de várias origens se põem em marcha, interferindo com o desenvolvimento. Dependerá do ambiente, aí incluído o analista, (re)construir a ponte de sustentação, firme, mas flexível, para vencer a ‘falha geológica’ entre *self* e outro. □



Abstract

The architectural construction of the bridge between the self and the other

Among the many areas of knowledge dedicated to the study of the origins of the self, there is a consensus that one cannot dissociate the genesis of the self from the genesis of the 'other', since both are intrinsically connected. From the dyadic matrix, the development of the self is simultaneous to the encounter with the other. In one end, this process depicts moments of attunement, mirroring and imitation, which gives preference to the experience of equity between mother and child, alternated with moments of rupture which demonstrate the differences between the two. Between these two ends there is an ongoing attempt to recover the dyadic state of attunement. Such pattern grants an optimal dialectic between self and other, hence not renouncing to individual spontaneity neither generating detachment, creating a virtual and plastic space between the self and the other. The clinical case of a child with incipient autism disorder is used to demonstrate the primitive anxieties that appear during the definition of the self in face of the other, the defensive maneuvers determined by them, and the role of analysis in constructing a possible bridge capable of, at the same time, uniting and separating self and the other.

Keywords: Autism. Representation of the self. Annihilation anxiety.

Resumen

La arquitectura del puente entre self y otro

Entre las varias áreas del conocimiento que se dedican a estudiar los orígenes del self, existe un consenso de que no se puede hablar de nacimiento del 'self' sin hablar de nacimiento del 'otro', ya que ambos están intrínsecamente ligados. A partir de la matriz diádica, el desarrollo del self ocurre simultáneamente con el encuentro con el otro, siendo tal proceso caracterizado, en uno de los polos, por momentos de sintonía, espejamiento e imitación, que privilegian la experiencia de igualdad entre madre hijo, alternando con momentos de ruptura, que revelan las diferencias entre los dos. Entre estos dos polos, existe un constante intento de recuperación del estado diádico de sintonía. Ese patrón propicia una dialéctica óptima entre self y otro, de manera que ni se abdica de la espontaneidad individual, ni existe alejamiento, creándose un espacio virtual y plástico entre self y otro. El caso clínico de un niño con un trastorno autístico incipiente es usado para ilustrar



las angustias primitivas que surgen durante la definición del *self* frente al otro, las maniobras defensivas determinadas por ellas y el papel del análisis en la creación de un puente posible capaz de, al mismo tiempo, unir y separar *self* y otro.

Palabras llave: Autismo. Representación de *self*. Angustia de aniquilamiento

Referências

- AMSTERDAM, B. (1972). Mirror self-image reactions before the age of two. *Developmental Psychobiology*, n. 5, p. 297-305.
- BEEBE, B. et al. (1997). Mother-infant interaction structures and presymbolic self and object representations. *Psychoanalytic Dialogues*, n. 7, p. 133-182.
- BIRINGEN, Z. et al. (1997). Dyssynchrony, conflict and resolution: positive contributions to infant development. *American Journal of Orthopsychiatry*, v. 6, n. 1, p. 1-16.
- FONSECA, V. R.; BUSSAB, V. S. (2006). Self, other and dialogical space in autistic disorders. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 87, p. 439-55.
- HINSELWOOD, R. D. (1989). *A dictionary of Kleinian thought*. London: Free Association.
- KEESTRA, M. (2008). The diverging force of imitation: integrating cognitive science and hermeneutics. *Review of General Psychology*, v. 12, n. 2, p. 127-136.
- KELLER, H. (2007). *Cultures of infancy*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1985. p. 17-43.
- MAHLER, M. (1958). Autism and symbiosis: two extreme disturbances of identity. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 39, p. 77-83.
- MELTZER, D. et al. (1975). *Exploración del autismo: un estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós, 1979.
- MELTZER, D. (1992). *The claustrium: an investigation of claustrophobic phenomena*. London: Clunie.
- NEISSER, U. (1993). The self perceived. In: *The perceived self: ecological and interpersonal sources of self-knowledge*. Cambridge: University of Cambridge.
- PIPP, S. (1993). Infant's knowledge of self, other, and relationship. In: NEISSER, U. *The perceived self: ecological and interpersonal sources of self-knowledge*. Cambridge: University of Cambridge.
- RIZZOLATTI, G. et al. (1998). The organization of the cortical motor system: new concepts. *Electroencephalography and Clinical Neurophysiology*, n. 106, p. 283-296.
- RIZZOLATTI, G. et al. (2001). Neurophysiological mechanisms underlying the understanding and imitation of action. *Nature Reviews Neuroscience*, n. 2, p. 661-670.
- TOMASELLO, M. (2008). Conferência de abertura. In: CONGRESS OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE STUDY OF BEHAVIOURAL DEVELOPMENT. 20, 2008, Würzburg, Alemanha.
- TRONICK, E. (1989). Emotions and emotional communication in infants. *American Psychologist*, v. 44, p. 112-119.
- TUSTIN, F. (1986). *Autistic barriers in neurotic patients*. Londres: Karnac.
- . (1991). Revised understandings of psychogenic autism. *International Journal of Psycho-Analysis*, v. 72, p. 585-591.



Vera Regina Jardim M. R. Fonseca

WATSON, J. S. (1985). Contingency perception in early social development. In: *Social perception in infants*. Norwood: Ablex. p. 157-176.

WINNICOTT, D. (1965). *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1990.

Recebido em 06/06/2010

Aceito em 07/07/2010

Vera Regina Jardim M. R. Fonseca

Av. Portugal, 1629/63 – Brooklin Paulista

04559-003 – São Paulo – SP – Brasil

e-mail: veraregina.fonseca@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA